

AGRICULTURA

Safra 1993/94: um auxílio ao Programa de Estabilização Econômica!*

Fernando Gaiger Silveira**

A avaliação das conjunturas agrícolas nacional e gaúcha nos primeiros meses do ano centra-se forçosamente no estudo de dois temas: o primeiro diz respeito à evolução dos preços agropecuários, uma vez que, nesse período, se vivencia o fim da entressafra, observando-se, em consequência, usualmente, a reversão de comportamento dos preços de alguns produtos, principalmente os de origem vegetal;¹ de outro lado, anunciam-se as expectativas da safra de verão, que, associadas à análise dos preços, possibilitam uma interpretação prospectiva do comportamento do setor agrícola no decorrer do ano.

No atual momento, quando o Governo Federal divulga mais um programa de combate à inflação, a questão dos preços e da produção agrícola ganha maior destaque. A veiculação pela imprensa da pressão dos preços dos produtos alimentares sobre a taxa inflacionária anteriormente ao Programa de Estabilização Econômica, bem como das expectativas de uma queda dos preços com a entrada da safra, vem corroborar essa avaliação.

A caracterização dos períodos de safra e de entressafra, para o caso das culturas de verão, deve, inicialmente, ser relacionada ao mercado em questão, ou seja, o do produtor, o atacadista ou o varejista. Ao nível do produtor, de maneira agregada, isto é, associando, *grosso modo*, essas fases para as culturas do arroz, do feijão, do milho e da soja,² pode-se considerar como entressafra o período de agosto a fev.-mar., que se caracteriza por uma diminuição do volume de negócios ao nível do produtor. No entanto, para melhor explicar as modificações nos preços, acredita-se ser melhor caracterizar a fase de que trata o texto — nov.-mar. — como de pré-safra, uma vez que os preços ao nível do produtor não se encontram aquecidos, vivenciando-se, nessa época, a comercialização das culturas de ciclo curto, a colheita do arroz e as fases finais do desenvolvimento das culturas do milho e da soja, com

* A elaboração deste artigo contou com a colaboração do estagiário Manoel Fernando Bittencourt. Texto produzido com informações disponíveis até 14.04.94.

** Engenheiro Agrônomo da FEE e Mestrando em Sociologia da UFRGS.

¹ Os produtos de origem animal apresentam, também, uma sazonalidade similar à dos grãos de verão. Verificou-se, todavia, que, para esses produtos, a sazonalidade dos preços tem sido menos pronunciada (B. Conj. 1994)

² No caso do Rio Grande do Sul, a entressafra situa-se, para cada produto, do seguinte modo:

- arroz - meados de julho a meados de fevereiro;
- feijão - 1ª safra, junho a meados de dezembro; 2ª safra, meados de setembro a abril;
- milho - outubro a meados de março;
- soja - outubro a fins de março.

estimativas mais realistas do volume a ser colhido. Tais situações são fundamentais na formação dos preços e, nesta direção, nessa época — nov.-dez. a março —, é imprescindível o estudo do comportamento dos preços.

No final do ano passado, as análises mostravam-se pessimistas quanto à contribuição da agropecuária para o sucesso do Programa de Estabilização. Na época, esperava-se uma quebra da safra de verão, que, somada à pressão já existente dos preços dos produtos alimentares à taxa inflacionária, à elevação dos preços agrícolas no mercado internacional e aos baixos estoques de passagem, sinalizava que haveria uma menor diminuição dos preços agrícolas quando da entrada da safra. Tais avaliações acarretaram, inclusive, um aquecimento dos preços agrícolas, que apresentaram variações muito acima da taxa de inflação nos meses de janeiro e fevereiro.

O anúncio pela CONAB e pelo IBGE, em fevereiro e março, de uma produção nacional de grãos em torno de 74 milhões de toneladas reverteu essas previsões. A partir de então, a agricultura passou de "vilã" a "heroína" no combate à inflação. É corrente, tanto na imprensa quanto em artigos de conjuntura, a interpretação de que a atual safra virá a auxiliar no êxito do atual Programa de Estabilização.

Nesse sentido, iniciar-se-á o presente artigo pela avaliação do comportamento dos preços agrícolas de meados de 1993 até o atual momento, comparando-o com o observado no período anterior, ou seja, no ano agrícola 1992/93. Posteriormente, serão apresentadas as estimativas da safra de verão 1993/94, analisando, principalmente, as causas desse esperado novo "recorde" de produção. Por fim, a partir do apreendido nos tópicos anteriores, realizar-se-ão previsões quanto à evolução dos preços durante o ano, bem como quanto às possíveis conseqüências do Programa de Estabilização no setor agrícola.

O comportamento dos preços alimentares e agrícolas

Os dados da variação do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da FIPE de dezembro de 1993 exibiam a pressão do item alimentação no crescimento desse índice, que teve continuidade em janeiro e fevereiro. Contudo, nesse período, geralmente se espera um arrefecimento na evolução dos preços agrícolas, com a comercialização das primeiras safras de feijão e batata e com o anúncio das estimativas mais concretas da colheita dos cultivos de ciclo longo. De outro lado, no caso dos produtos de origem animal, assiste-se, normalmente, a um menor incremento de seus preços, haja vista que se vivencia a entrada da "safra" e que se supera o aquecimento resultante das festas de fim de ano.

Essa tendência de alta dos preços agrícolas e alimentares deveu-se aos problemas climáticos nas culturas de ciclo curto (feijão e batata), às expectativas de quebra nas produções, principalmente do arroz, do milho e do algodão (DCI, 5.1.94, p.1 e 11; MELO, 1994),³ ao crescimento dos preços no mercado internacional, ao baixo nível dos

³ A partir de meados de fevereiro, ocorreu uma reversão dessas expectativas, com o anúncio, pelo IBGE e pela CONAB, de um novo "recorde" na produção nacional de grãos.

estoques de passagem (ZH, 11.1.94, p.22) e às dificuldades na comercialização através do EGF-COV.⁴

Através do exame desagregado do índice, verifica-se, pela interpretação dos subgrupos de produtos — industrializados, semi-elaborados e *in natura* — do item **alimentação no domicílio**, que, de novembro a março, somente os últimos estiveram em patamares sempre superiores aos do índice geral e alimentar. No caso dos semi-elaborados, como o arroz, o feijão, as carnes e o leite, que melhor caracterizam o período de entressafra em discussão, observa-se uma alta significativa no mês de dezembro, tendo, no caso de janeiro e fevereiro, apresentado variação inferior inclusive à do índice geral. Logo, a partir de janeiro, já havia sinais de diminuição no crescimento dos preços dos produtos da safra de verão. Todavia, no mês de março, os preços dos produtos semi-elaborados voltaram a apresentar uma variação percentual acima da verificada no caso do índice geral. Foram, no entanto, os produtos *in natura* que apresentaram o maior crescimento de seus preços, alcançando uma variação de 53,81%, enquanto os produtos industrializados, por estarem mais ligados à transformação agroindustrial, exibiram uma maior estabilidade. Nota-se, no entanto, na Tabela 1, que esses produtos tiveram uma importante contribuição na pressão dos preços alimentares sobre as taxas de inflação, tendo, inclusive, em março, apresentado uma variação muito significativa.

Tabela 1

Evolução de Índices de preços selecionados em São Paulo e no Brasil — ago./93-mar./94

PERÍODOS	IPC (FIPE-USP)					FGV	
	Geral	Alimentação			IGP-DI	IPA-A	
		Geral	Produtos industrializados	Produtos semi-elaborados			Produtos "in natura"
1993							
Ago.	33,97	37,43	33,41	43,77	36,55	33,53	33,80
Set.	34,12	33,05	30,07	38,31	29,83	36,99	46,62
Out.	35,23	32,97	37,36	31,34	26,57	35,14	31,67
Nov.	35,84	35,74	35,26	34,80	40,30	36,96	36,26
Dez.	38,52	42,08	39,04	46,85	42,15	36,22	36,18
1994							
Jan.	40,30	43,01	40,83	40,08	54,30	42,19	45,57
Fev.	38,19	39,10	39,98	35,77	45,21	42,41	45,65
Mar.	41,94	47,11	46,67	45,06	53,81	44,83	48,94

FONTE: FIPE-USP.
FGV-RJ.

⁴ Convém notar que essa interpretação se refere ao conjunto da agricultura brasileira, ou seja, no momento, não centramos nossa análise no caso específico do Rio Grande do Sul.

O comportamento dos preços alimentares, especialmente para o caso dos produtos semi-elaborados, no âmbito do consumo-varejo, é demonstrativo do movimento especulativo experimentado no mês de março, após o anúncio da URV. Vem corroborar essa avaliação o novo "recorde" na produção de grãos, que deveria significar uma queda nas cotações dos produtos alimentares.

Os preços agrícolas no mercado atacadista, ilustrados na Tabela 1 pelo Índice de Preços no Atacado-Produtos Agrícolas (IPA-A), apresentaram uma evolução muito similar à observada para o caso do IPC da FIPE-USP. De outro lado, há uma relação entre o crescimento do IPA-A e o do índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI), demonstrando a pressão dos preços agrícolas sobre as taxas gerais de inflação, do final do ano passado até o presente momento.⁵

Com o objetivo de verificar se essa recente alta dos preços alimentares é uma característica própria do período de pré-safra 1993/94, comparar-se-á o nível dos preços recebidos pelos agricultores gaúchos nos últimos meses com os do ano anterior. Por outro lado, realizar-se-á uma avaliação da evolução dos preços durante os dois últimos anos agrícolas, visando verificar se o atual crescimento dos preços dos produtos agropecuários não condiz com a sazonalidade — safra e entressafra — própria desses preços. A seguir se apresentam os Gráficos 1 a 4, que contêm a evolução dos preços reais desde agosto de 1992, em valores de março de 1994, deflacionados pelo IGP-DI, do arroz, do milho, da soja, do feijão, do boi gordo e do frango.

Nos casos do arroz e do milho, verifica-se uma evolução similar entre os dois anos agrícolas, salvo a ocorrência de um retardamento na diminuição de seus preços em dezembro. De outra parte, o atual nível dos preços mostra-se inferior àquele dos praticados no ano passado. Ou seja, o movimento ascendente desses preços no final do ano de 1993 não difere em nada do ocorrido em 1992, porém a magnitude desse é inferior, ou seja, no momento, suas cotações são menores em termos reais.

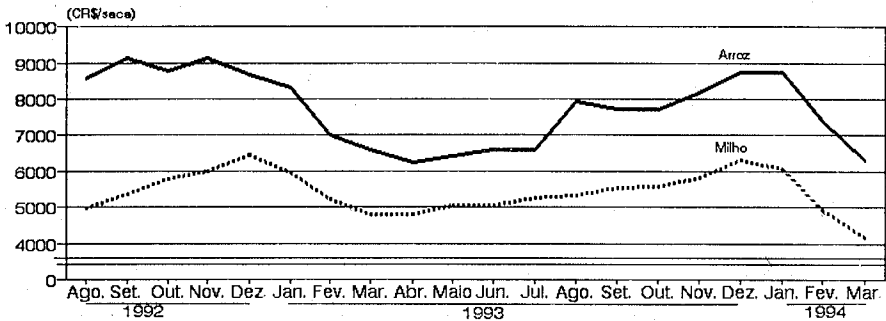
O movimento dos preços da soja recebidos pelos produtores apresenta-se também dentro do padrão normal, com seus preços, nos últimos meses, em valores próximos aos praticados nos mesmos meses do ano anterior. Espera-se, no entanto, uma melhoria nas suas cotações, em função da quebra da safra norte-americana.

No atual momento, o feijão tem-se destacado como o grande responsável pela elevação da taxa inflacionária (FSP, 29.3.94, p.2; GM, 2.3.94, p.19; Conj. Agropec., 1994), vindo a substituir outros antigos vilões, quais sejam: o chuchu do Delfim e o boi do Sarney. Deve-se, contudo, salientar que a produção do feijão preto, tanto no Rio Grande do Sul quanto no Paraná, não apresentou quebras, localizando-se o problema de perda na produção do feijão-cores, em Irecê, na Bahia. Logo, a atual cotação do preço do feijão no Estado deve-se às repercussões especulativas dessa quebra. Ademais, no caso brasileiro, a quebra ocorrida na região de Irecê não implicou uma queda na produção da primeira safra, que, inclusive, apresentou, segundo os dados do IBGE, um crescimento de 22,27% em relação à safra passada. A safra de feijão de Irecê tem uma importância grande a nível nacional, mesmo que seu volume não seja tão expressivo, em razão da época de sua colheita e comercialização, entre as duas safras de São Paulo.

⁵ É interessante observar-se que, nos meses de agosto e, principalmente, setembro, ocorreu uma pressão dos preços agropecuários no atacado sobre as taxas globais da inflação.

GRÁFICO 1

PREÇOS REAIS DO ARROZ E DO MILHO RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES GAÚCHOS — AGO/92-MAR/94

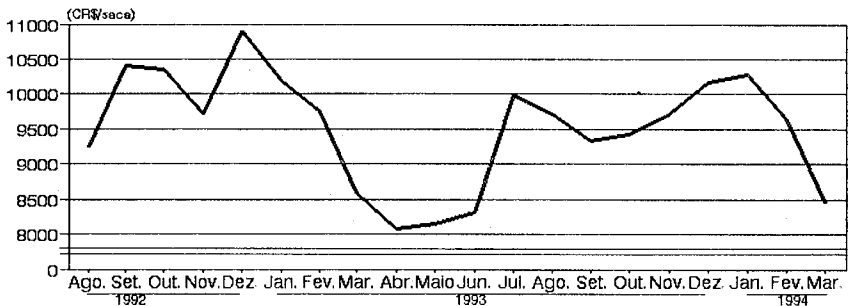


FONTE: EMATER.

- NOTA: 1. Os preços de fevereiro e março são as médias dos valores semanais.
2. Preços deflacionados pelo IGP-DI da FGV.
3. Em cruzeiros reais de mar./94.

GRÁFICO 2

PREÇOS REAIS DA SOJA RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES GAÚCHOS — AGO/92-MAR/94

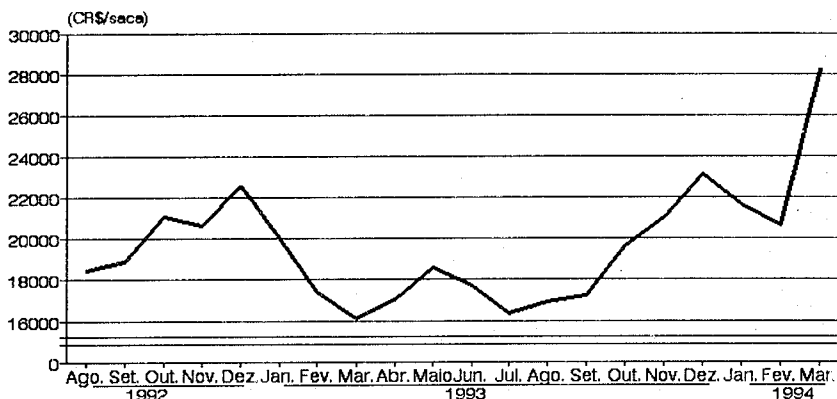


FONTE: EMATER.

- NOTA: 1. Os preços de fevereiro e março são as médias dos valores semanais.
2. Preços deflacionados pelo IGP-DI da FGV.
3. Em cruzeiros reais de mar./94.

GRÁFICO 3

**PREÇOS REAIS DO FEIJÃO RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES
GAÚCHOS — AGO/92-MAR/94**



FONTE: EMATER.

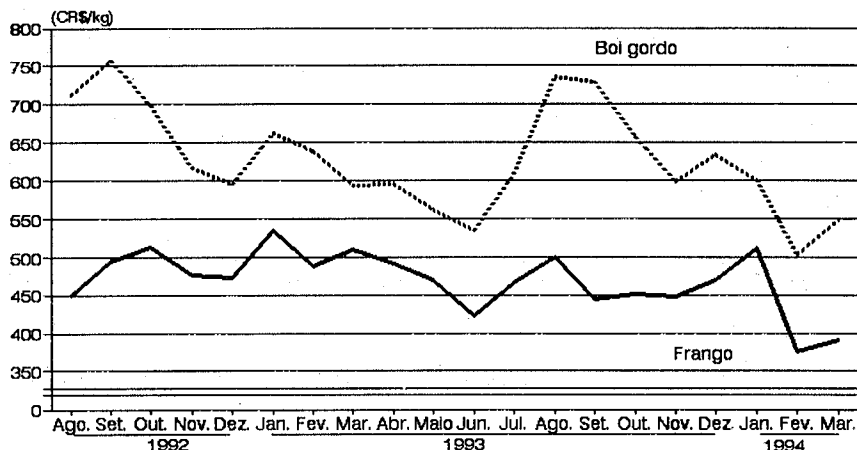
- NOTA: 1. Os preços de fevereiro e março são as médias dos valores semanais.
 2. Preços deflacionados pelo IGP-DI da FGV.
 3. Em cruzeiros reais de mar./94.

No caso dos dois produtos de origem animal, observa-se um crescimento de seus preços em dezembro, sendo que o preço do boi gordo, nos dois meses seguintes, diminuiu significativamente, e, quanto ao frango, após o crescimento de sua cotação em janeiro, assistiu-se a uma vertiginosa queda, com seu preço atingindo o mais baixo patamar do período em análise. Os preços desses produtos no mês de março, mesmo que tenham se recuperado, apresentaram-se em níveis bem inferiores aos praticados no ano passado. No que se refere ao padrão de comportamento dos preços desses produtos, pode-se afirmar que sua evolução foi semelhante à do período 1992-93, isto é, preservou-se a sazonalidade de seus preços.

Pode-se, portanto, concluir que a elevação dos preços no atacado e no varejo tem relação com o comportamento sazonal dos preços dos produtos agropecuários. No entanto a magnitude desse fenômeno no âmbito do setor produtor ficou muito além da exibida no atacado e junto aos consumidores. Parece, portanto, terem ocorrido remarcações nos preços alimentares de caráter preventivo, em razão do anúncio do Programa, uma vez que superaram em muito as elevações dos preços nos mercados agrícolas.

GRÁFICO 4

PREÇOS REAIS DO FRANGO E DO BOI GORDO RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES GAÚCHOS — AGO/92-MAR/94



FONTE: EMATER.

NOTA: 1. Os preços de fevereiro e março são as médias dos valores semanais.

2. Preços deflacionados pelo IGP-DI da FGV.

3. Em cruzeiros reais de mar./94.

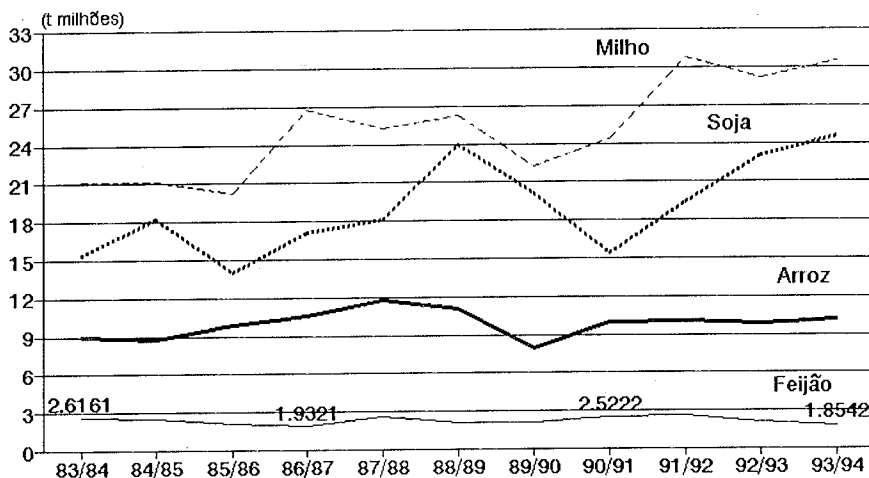
A safra de verão 1993/94

A expectativa até fevereiro era de um volume produzido na safra de verão um pouco inferior ao do ano passado, ou seja, uma produção de grãos estimada em 68 milhões de toneladas. Tal quadro significava uma oferta apertada de algodão, de feijão, de arroz e de milho. Os últimos levantamentos realizados pela CONAB e pelo IBGE estimam uma produção de 74 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. Dessa forma, no caso do arroz e do milho, a produção será bem mais próxima ao consumo estimado. No Gráfico 5, observa-se um crescimento na produção de milho, de soja e de arroz, especialmente para os dois primeiros.

A produção nacional de soja alcançará seu maior volume, sendo que o volume do milho se situará bem próximo ao recorde da safra 1991/92. Percebe-se, de outra parte, que a produção dos quatro principais grãos da safra de verão não supera, salvo no caso da soja, a produção obtida em outros anos. Considerando que, neste ano, a produção desses quatro grãos apresentam, no conjunto, valores positivos, tem-se uma das razões desse "recorde".

GRÁFICO 5

**PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ARROZ, DE FEIJÃO, DE MILHO
E DE SOJA — 1983/84 A 1993/94**



FONTE: CONAB.

NOTA: O ano-safra 1993/94 refere-se à estimativa de fevereiro.

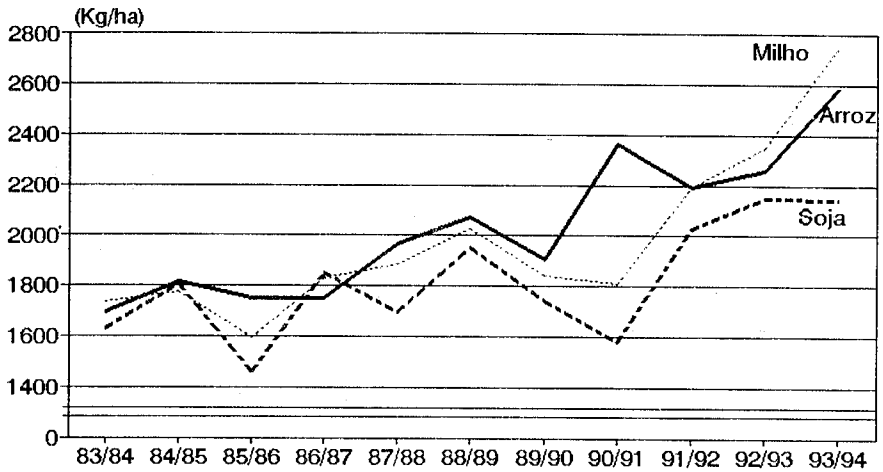
Deve-se perguntar quais as razões que levaram a esse novo "recorde" na produção nacional de grãos, que, pelas estimativas de março do IBGE, totalizará 74.836 mil toneladas, ou seja, 8,21% superior à do ano passado e 4,20% acima da safra de 1988/89, a maior até o momento.

O primeiro fator refere-se ao bom desenvolvimento das condições climáticas, ainda que tenham ocorrido alguns problemas localizados, bem como um atraso no plantio de alguns cultivos, como, por exemplo, do arroz irrigado.

É surpreendente a elevação do rendimento físico nas culturas do milho, do arroz e do feijão que, associada à estabilidade do rendimento da soja, acarretou importantes ganhos em termos de volume produzido. Não se pode creditar essas elevações no rendimento físico dessas culturas de verão somente às condições climáticas. Sem dúvida, os produtores, nos últimos anos, estão utilizando mais insumos, corretivos e defensivos e o melhor das tecnologias agrícolas, como, por exemplo, práticas de cultivo. Os Gráficos 6 e 7 são ilustrativos da mudança de patamar, em termos de rendimento físico, do milho, do arroz e do feijão na agricultura brasileira.

GRÁFICO 6

RENDIMENTO FÍSICO DO ARROZ, DO MILHO E DA SOJA NO BRASIL — 1983/84 A 1993/94

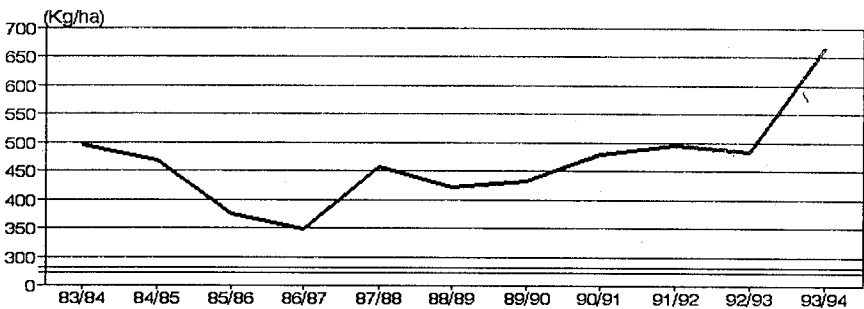


FONTE: CONAB.

NOTA: O ano-safra 1993/94 refere-se à estimativa de fevereiro.

GRÁFICO 7

RENDIMENTO FÍSICO DO FEIJÃO NO BRASIL — 1983/84 A 1993/94



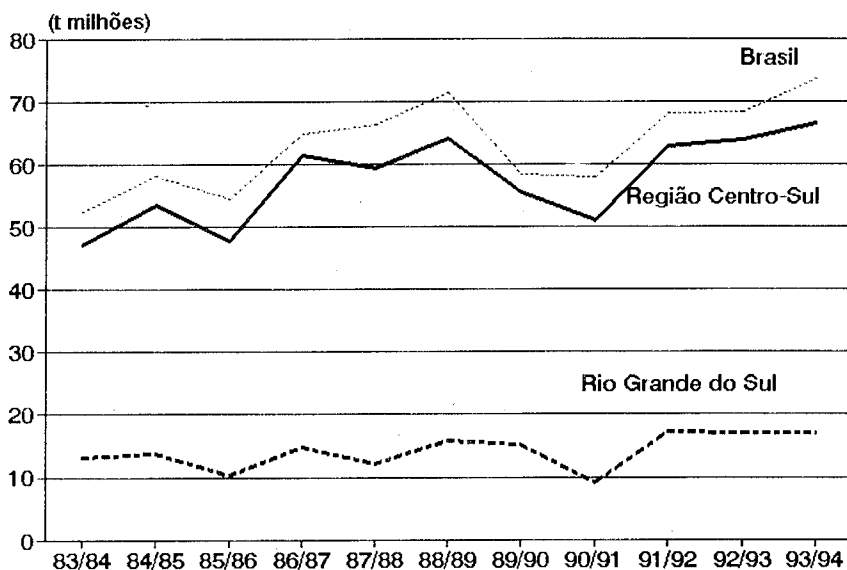
FONTE: CONAB.

NOTA: O ano-safra 1993/94 refere-se à estimativa de fevereiro.

Por último, estima-se que a produção de grãos na Região Nordeste apresentará um resultado bem superior ao dos últimos dois anos, com uma previsão, segundo a CONAB, de produção ao redor de 5,0 milhões de toneladas, ultrapassando em 1,1 milhão e 2,4 milhões de toneladas os volumes produzidos nas safras de 1992 e 1993 respectivamente. Somada à produção de grãos da Região Norte, espera-se um volume da ordem de 7,0 milhões de toneladas, pouco abaixo das safras de 1990/91 e 1987/88, quando, coincidentemente, houve quebras na safra da Região Centro-Sul. Logo, o atual "recorde" de produção deve-se à associação entre as boas safras das Regiões Centro-Sul e Norte-Nordeste, além do incremento no rendimento físico dos principais cultivos de verão.

GRÁFICO 8

PRODUÇÃO DE GRÃOS NO BRASIL, NO CENTRO-SUL E NO RIO GRANDE DO SUL — 1983/84 A 1993/94



FONTE: CONAB.
IBGE.

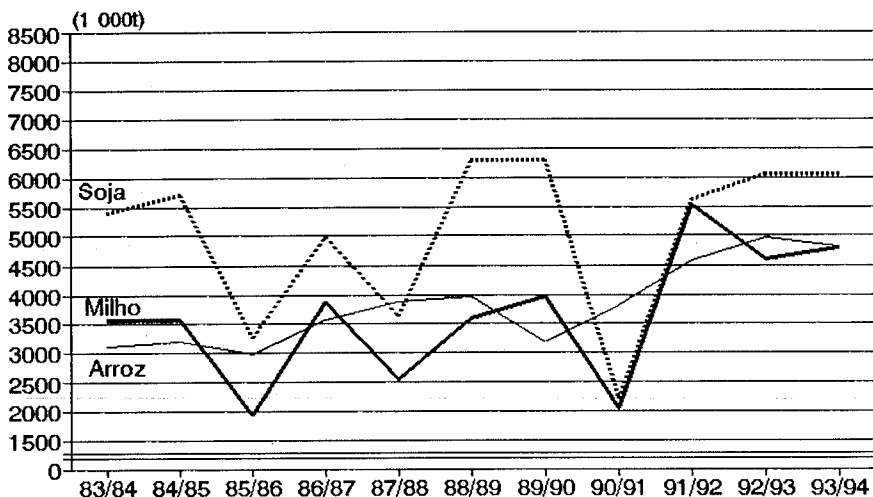
NOTA: O ano-safra 1993/94 refere-se a estimativas de fevereiro para o Brasil e para a Região Centro-Sul e de março para o caso gaúcho.

No caso do Rio Grande do Sul, observa-se, no Gráfico 8, que sua produção deverá situar-se no mesmo nível dos dois anos anteriores, ou seja, ao redor de 17 milhões de toneladas. Nesse sentido, pode-se esperar que a agricultura gaúcha continue a auxiliar no desempenho positivo da economia do Estado, como se viu no ano de 1993, em razão de sua íntima relação com o setor industrial (FSP, 29.3.94a, p.1) e da significativa participação da agroindústria na formação do Produto gaúcho.

No caso da produção dos três principais cultivos de verão do Estado — arroz, milho e soja —, nota-se a ocorrência de poucas variações *vis-à-vis* à safra anterior. Nessa direção, não deverão ocorrer grandes mudanças no comportamento, em termos de oferta e demanda, ao observado em 1993.

GRÁFICO 9

PRODUÇÃO GAÚCHA DE ARROZ, DE MILHO E DE SOJA — 1983/84 A 1993/94



FONTE: IBGE/GCEA.

NOTA: Os dados de 1993/94 são estimativas de março.

A maior parte dos analistas sustenta que, a partir de abril, se observarão as consequências positivas desse volume "recorde", especialmente no que diz respeito às taxas inflacionárias (FSP, 9.3.94, p.9; 29.3.94, p.3). Nesse sentido, acredita-se que a safra agrícola viria, naturalmente, a auxiliar o Programa de Estabilização Econômica. Todavia os dados

do IPC-FIPE da primeira quadrissemana de abril contrariaram essa avaliação, dado que se o índice geral apresentou uma variação de 43,17%, o item alimentação cresceu 47,19% (GM, 13.4.94, p.3). No entanto tal aumento dos preços alimentares se localizou, sobretudo, no subgrupo dos industrializados, demonstrando, portanto, que a entrada da safra não acarreta um arrefecimento dos preços desses produtos. Convém observar que, no caso dos produtos semi-elaborados também ocorreu um incremento superior ao do índice geral, ou seja, é lícito imaginar que os setores atacadista e varejista estão, no mínimo, tentando se apropriar da margem proveniente da queda de preços observada ao nível dos produtores.

Considerações finais

Como pode-se notar, o arrefecimento no crescimento dos preços dos produtos agrícolas iniciou-se ao nível dos produtores, sem, no entanto, apresentar repercussões, até o momento, ao nível dos consumidores. Tal fato é demonstrativo das dificuldades que poderão existir para que a boa safra possa, realmente, auxiliar o Programa.

Além dessas dificuldades apontadas, acredita-se que a comercialização da safra apresentará problemas, em razão, primeiro, da provável elevação das taxas de juros, que significará um encarecimento no carregamento dos estoques, e, de outro lado, em função da restrição no volume do crédito de comercialização, que originalmente viria da emissão de títulos, suspensa pelo Programa de Estabilização. Nessa direção, o Fundo Social de Emergência (FSE) foi criado, justamente, com o objetivo, dentre outros, de desobrigar o Governo de emitir títulos para financiar gastos, com a desvinculação de uma parte substancial das receitas. Como o financiamento da Política de Garantia dos Preços Mínimos (PGPM) não consta nas destinações do FSE, as regras quanto à comercialização da safra encontram-se indefinidas, especialmente no que se refere às fontes de recurso (Preços Agríc., 1994, p.2-3).

No que diz respeito às taxas de juros, duas ordens de questões surgem. Primeiro, qual será a repercussão nos preços agrícolas e alimentares, especialmente, na entressafra, da prática de taxas de juros reais bem mais elevadas?⁶ De outro lado, existem grandes dúvidas quanto ao comportamento da URV frente à TR — índice utilizado nos financiamentos agrícolas. Não é possível adiantar quaisquer conclusões nesse ambiente de incertezas, mas essa situação gera reações indesejáveis à boa condução do Programa de Estabilização.

Por último, tem-se a questão da taxa cambial, que, após o lançamento do real, terá pouca flexibilidade, colando os preços agrícolas internos aos praticados no mercado internacional, pela própria característica desses produtos enquanto *commodities*. Assim sendo, a existência, eventualmente, de inflação em real significará um crescimento de custos na produção agrícola e perda de competitividade, podendo dificultar as exportações desse setor.

⁶ Alguns analistas afirmam que as taxas de juros, após a implementação do real, se situarão ao redor de 3,5% a 4%. Assim sendo, em setembro, momento de maturação dos empréstimos agrícolas, os encargos financeiros somarão 52% do total financiado.

Bibliografia

- BOLETIM CONJUNTURAL (1994). Rio de Janeiro: IPEA, n.24, jan.
- CARTA DE CONJUNTURA FEE (1994). Porto Alegre: FEE, v.3, n.9, jan.
- CONJUNTURA AGROPECUÁRIA (1994) Brasília: CONAB, v.4, n.1, 16-28, fev.
- DIÁRIO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA (5.1.94). Safra de grãos preocupa: safra 93/94 poderá sofrer quebra de 4%. São Paulo, p.1, 11.
- FOLHA DE SÃO PAULO (22.3.94). Entrada da safra já reduz preço agrícola (mercado ainda desconfia da colheita recorde; impacto no bolso do consumidor só poderá ser avaliado em abril), p.3, cad.6
- FOLHA DE SÃO PAULO (29.3.94). Feijão pressiona: preços pagos ao produtor sobem 43,43% em fevereiro. São Paulo, p.2, cad.2.
- FOLHA DE SÃO PAULO (29.3.94a). Gaúchos iniciam colheita de US\$3.2 bi. São Paulo, p.1, cad.6.
- FOLHA DE SÃO PAULO (9.3.94). Safra recorde deve favorecer Plano FHC. São Paulo, p.9, cad.2.
- GAZETA MERCANTIL (13.4.94). Índice da primeira semana de abril subiu 43,17% e técnicos refazem previsão. São Paulo, p.3.
- GAZETA MERCANTIL (2.3.94). Feijão, batata e carne acumulam fortes altas. São Paulo, p.19.
- LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1994). Rio de Janeiro: IBGE, fev.
- MELO, Fernando Homem de (1994). Panorama macroeconômico: agricultura. **Informações FIPE**, São Paulo, n.161, fev.
- PREÇOS AGRÍCOLAS (1994). O novo plano de estabilização. Piracicaba: FEALQ, v.8, n.89, p.2-3, mar.
- LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA: relatório de ocorrências (1994). Porto Alegre: IBGE/GCEA, mar.
3. LEVANTAMENTO DE ACOMPANHAMENTO DA SAFRA DE VERÃO 1993/94 (1994). Brasília: CONAB, mar.
- ZERO HORA (11.1.94). Estoque baixo e preços altos são problemas. Porto Alegre, p.22.